

# PREFÁCIO\*

*Gilcilene de Oliveira Damasceno Barão*

A civilização capitalista tem sido definida como a civilização da Potência. Portanto, é natural que não esteja organizada espiritual e materialmente para a atividade estética, mas sim para a atividade prática (MARIATEGUI, 1968, p. 17).

Exploração, expropriação e ênfase formativa na prática e nos aspectos comportamentais são atividades que deformam e conformam homens e mulheres sob o capitalismo. Concordamos com José Carlos Mariátegui que a atividade estética não tem centralidade na agenda de formação nos espaços formais e não formais nesse modo de produção. Tal situação engendra dilemas educacionais que impõem muitos desafios à educação crítica e emancipatória.

Assim, constitui um desafio encontrar alternativas para enfrentar na educação, com ênfase para a Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores, essa concepção que nega e/ou relega a um papel menor a cultura e as artes na formação humana. Lunatcharski<sup>1</sup>, em discurso no I Congresso de toda Rússia para Instrução Pública, ressalta que não interessava à burguesia o ensino científico, a educação física e a educação estética. Quanto a esta última ele afirma que

É obvio que a educação estética também não pode ser posta de lado: entendemo-la como desenvolvimento das inclinações criativas do homem pela beleza. A tarefa principal do homem é a tornar belo a si mesmo e a tudo o que o rodeia. Por si, o trabalho não dá o sentimento de uma vida livre. Há que impor o ideal de proporcionar a esta vida um máximo de alegria. Todos os meios pelos quais o homem pode tornar tudo o que o rodeia elegante, belo, cheio de alegria, tudo isso deve ser objeto da educação estética e ser hábil e tecnicamente organizado. [...] Deste ponto de vista a educação estética ocupa um lugar à parte e o próprio termo ‘estética’ adquire um significado extremamente importante. Para que o homem possa perceber o belo por meio da vida ou do ouvido, deve antes de mais nada ele próprio aprender a criar. Estas são as enormes tarefas que não podemos negligenciar (LUNATCHARSK, 1988, p. 20-21)

---

\*DOI – 10.29388/978-65-81417-74-1-0-f.7-10

<sup>1</sup> Dramaturgo, crítico literário e político soviético, membro do Partido Comunista da URSS e da facção bolchevique durante a Revolução Russa de 1917. Ele foi responsável pelas políticas públicas revolucionárias para a Educação.

Como destacou Florestan Fernandes (1979, p. 5) “[...] a história nunca se fecha por si mesma e nunca se fecha para sempre. São os homens, em grupos e se confrontam como classes em conflitos, que ‘fecham’ ou ‘abrem’ os circuitos da história.”, por isso, deve-se registrar que a subordinação da cultura e da arte aos ditames do capital caminha ao lado, na história da luta de classes, da construção de experiências culturais e artísticas nas periferias. Sem dúvida, essas experiências, materializadas pelos subalternos, são formas de resistência e de desalienação, embora muitas vezes, o capital, aproprie-se e transforme os resultados dessas iniciativas em mercadorias.

É neste contexto que tive a grata surpresa de receber o convite para prefaciar o livro *Educação de Jovens e Adultos, formação humana, cultura e arte*. No atual momento histórico devemos cerrar fileiras no fortalecimento de concepções educacionais que se articulem com interesses dos subalternos e os coloquem como sujeito principal do processo educativo (SAVIANI, 2007; FERNANDES, 1989). Nesse sentido, devo dizer que foi um privilégio ter acesso a essa produção acadêmica resultado da articulação entre pesquisa e intervenções nas periferias apresentadas na VIII Jornada do EJAtrab realizada em novembro de 2020.

O conjunto das produções (introdução e capítulos) disponibiliza subsídios, a partir da cultura e das artes em suas várias manifestações (artes plásticas, literatura, fotografia, teatro e música), para o combate necessário à formação unilateral proposta pela pedagogia corporativa cuja intervenção na educação é fundamentada nas “orientações” dos organismos internacionais articuladas com as fundações e “movimentos” empresariais.

O livro *Educação de Jovens e Adultos, formação humana, cultura e arte*, organizado por Maria Inês Bomfim e Sonia Maria Rummert, compreendendo os capítulos produzidos por Reis, Alvarenga, Silva, Britto, Baltar, Lemos, Requião e Pacheco, constitui aporte crítico de destacada importância para o desenvolvimento intelectual dos educadores. Como afirma Florestan Fernandes:

[...] os educadores não podem recuar e se omitir diante das tarefas teóricas e práticas, que eles próprios terão que desvendar, coordenar e converter em fatos concretos, através de sua ação construtiva, inteligente e coletiva. O avanço silencioso dos que eram antes os condenados da Terra e passaram a ser os perseguidos do sistema abre oportunidades novas para todos. Não podemos ficar indiferentes, aguardando passivamente a decisão dos embates. Temos de avançar com ânimo firme e decidido para libertar a educação e o Brasil das fortalezas do privilégio, do atraso e da opressão (FERNANDES, 1989, p. 18-19).

Cabe, ainda, ressaltar a organicidade entre texto e contexto no livro que possibilita aos educadores um aprofundamento teórico, pois de acordo com as organizadoras os temas da cultura e da arte, geralmente, estão “ausentes das propostas e práticas inerentes à Educação de Jovens e Adultos ‘Trabalhadores’”.

A dimensão geral do contexto dessa produção acadêmica é a sociedade de classes, cujo funcionamento em tempos de pandemia produziu um forte aprofundamento das desigualdades sociais, com consequências na vida, na saúde e na ausência de emprego e de comida na mesa dos trabalhadores e, sem dúvida, trouxe ainda maiores precarização e perda de direitos aos estudantes da EJA.

De outro lado, a dimensão imediata do contexto do livro *Educação de Jovens e Adultos, formação humana, cultura e arte* decorreu, mesmo em meio à pandemia, de evento da Universidade Pública, realizado de forma remota, na VIII Jornada do EJAtrab que trouxe para o centro do debate a formação humana relacionada com a cultura e as artes.

Esta produção, num dos anos mais difíceis da pandemia, quando a vacina ainda não estava no nosso horizonte, é a expressão do papel fundamental da Universidade Pública na produção e na socialização do conhecimento. Conforme Lunatcharski (1988, p. 214), o tema das artes é um

[...] enorme tema da educação. [...] O importante é que quase não existe outro meio de educar as emoções humanas e, por conseguinte, a vontade humana [...] a própria vida tal como ela é, tão caótica e contraditória que mal podemos servir-nos dela como base pedagógica, é preciso organizá-la. Essa organização podemos, sobretudo, consegui-la graças à arte: música, literatura, teatro, cinema, artes plásticas.

Portanto, a leitura deste livro, centrado na temática da cultura e das artes, justifica-se pelo riquíssimo e estimulante conteúdo apresentado e disponibilizado ao longo de seus capítulos por autores de elevado conhecimento e dedicação às causas populares.

## Referências

FERNANDES, F. **Circuito Fechado**. São Paulo: HICITEC, 1979.

FERNANDES, F. **O desafio educacional**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

LUNATCHARSKI, A. **Sobre a Instrução e a Educação**. URSS: Edições Progresso, 1988.

MARIATEGUI, J. C. **El artista y la época**. Lima, Peru: Editora Amauta, 1968.

SAVIANI, D. **História das Ideias Pedagógicas**. São Paulo: Autores Associados, 2007.